

DUO OURO NEGRO



DUO OURO NEGRO

1959-1964

SONS EM TRÂNSITO ⁴
O TRIO ⁶
O FIM ⁷

1964-1970

CHEZ LES YÉ-YÉ ¹⁰
FÁBRICA DE CANÇÕES ¹¹
OBRAS DE FÔLEGO ¹²
POR BUENOS AIRES ¹⁴

1971-1975

RAÍZES NEGRAS ¹⁷
KALUNGAS ¹⁹

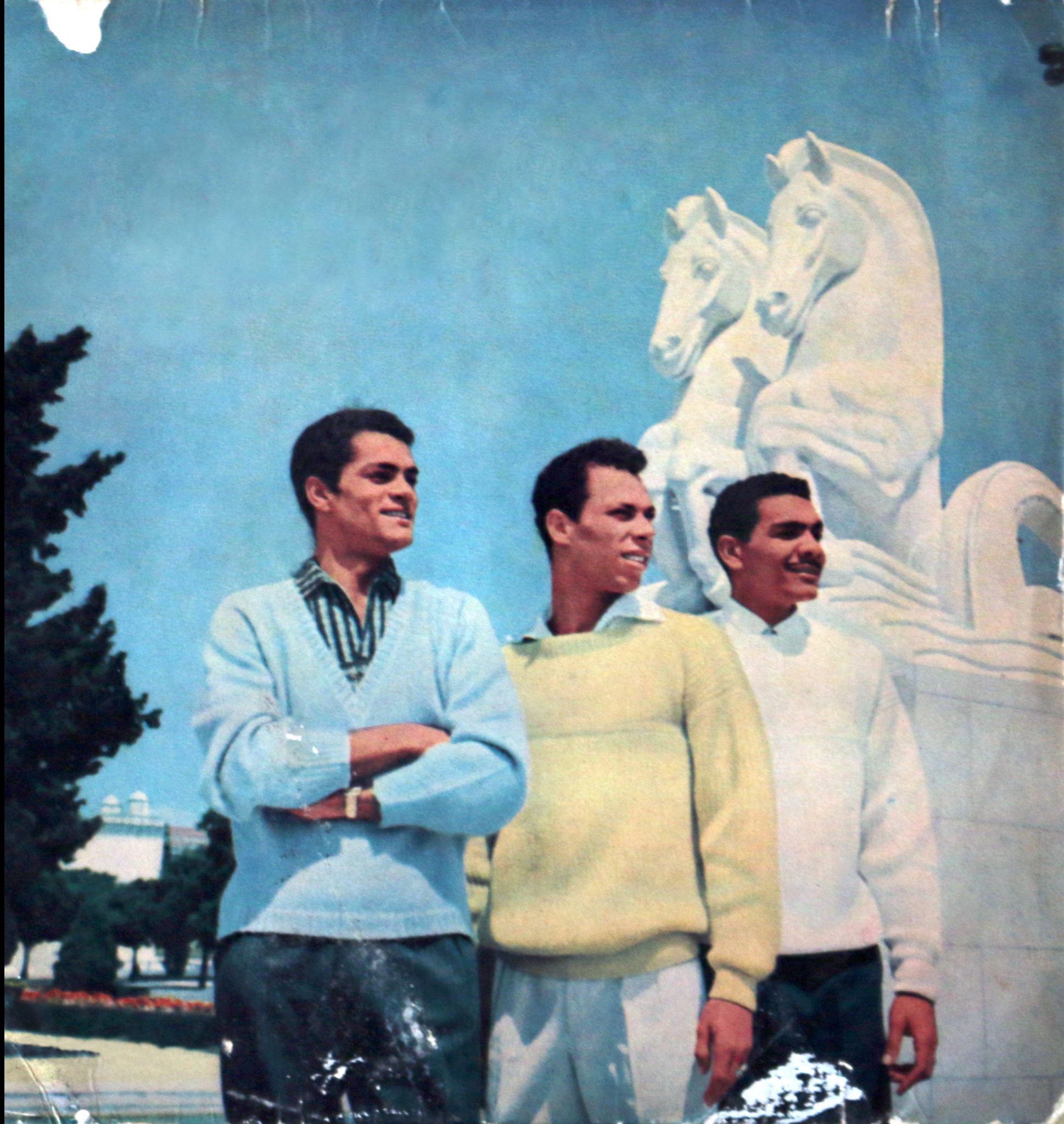
1976-2006

ANOS ORFEU ²²
REGRESSO IMPOSSÍVEL ²⁴
EPÍLOGO ²⁵

DISCOGRAFIAS

DISCOGRAFIA COMPLETA ²⁸
DISCOGRAFIA INCOMPLETA ³¹

1959-1963

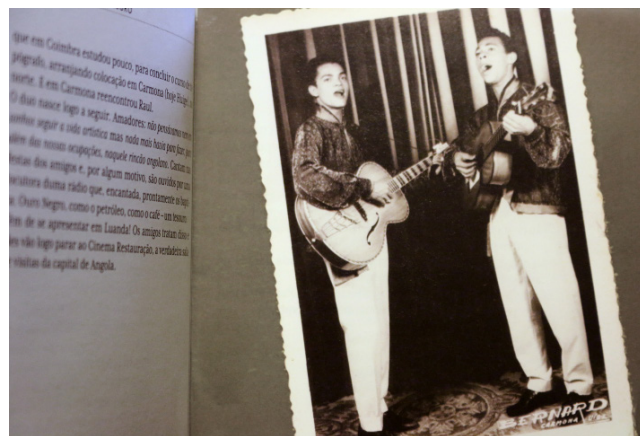


SONS EM TRÂNSITO

Um dos grupos portugueses mais populares de sempre, o Duo Ouro Negro, tem uma longa história mas, apesar de existir inúmera informação dispersa sobre o grupo e as suas edições discográficas, muita da informação é incompleta ou incorrecta (mesmo nas edições oficiais do grupo) ou está pouco sistematizada. No contexto actual, e apesar da maior circulação no mercado de segunda mão de cópias dos discos, continua por editar em digital, e de uma forma cuidada, a sua obra discográfica ou até análises sobre a mesma (fora de um contexto académico). Assim sendo, fica por agora publicado e público, este contributo para todos os que tropeçam na discografia do grupo.

A história musical do duo composto por Raul Aires Cruz (1933-2006) e Emílio Mac Mahon (1938-1985) começa com o seu reencontro em Uíge (então Vila Carmona) em 1956. Fruto de famílias mestiças, tinham-se já cruzado durante a infância em Sá da Bandeira (Lubango). A denominação Ouro Negro terá sido sugerida pela locutora de rádio Maria Lucília Dias numa analogia entre os músicos e tudo aquilo que é valioso e raro, num comentário a uma das suas primeiras actuações ao vivo. E é em Luanda, após uma actuação no Cinema Restauração (a sala de prestígio da cidade nesses anos e onde funciona hoje a Assembleia Nacional), que o empresário Ribeiro Belga os contrata para actuarem também em Lisboa, no Cinema Roma.

As actuações do duo nesse ano de 1959 são um sucesso e é numa das sessões do cinema Roma que o incontornável Hugo Ribeiro os descobre, sendo que nesses anos o seu trabalho passa não só pelas gravações, mas também pela descobertas de potenciais estrelas para o catálogo do seu chefe, Rui Valentim de Carvalho. Faltava decidir qual o acompanhamento a dar aos dois músicos (nessa altura eram comuns as 'orquestras' de acompanhamento aos interpretes). E é aqui que surge um brasileiro talentoso que estava em trânsito por Portugal com o seu grupo, mas que acabou por ficar alguns meses entre 1959 e 1960, por motivos provavelmente pouco musicais. É ele o talentoso multi-instrumentista Severino Dias de Oliveira (1930-2006), mais conhecido por Sivuca, que edita também nesse período dois discos (um deles com uma versão do tema *O Lápis do Lopes* de Mário Simões), e fará acompanhamento a alguns artistas (gravações do



Primeiro disco do Duo Ouro Negro, EP editado pela Columbia em 1960. Em baixo outra imagem da mesma sessão fotográfica.

II Festival da Canção Portuguesa no Porto em Maio de 1960, por exemplo). Alguns dos temas gravados em nome próprio por Sivuca em Portugal, serão também lançados em LP pela Odeon brasileira sob o título *Vê Se Gostas* (em Portugal só muito no final da década de 1960 é que os LP's se vão vulgarizar).

Quanto ao Duo Ouro Negro, e para a sua estreia em disco, são então lançados em 1960 dois EP's gravados com a orquestra e os arranjos do Sivuca para temas de folclore angolano. As capas em dourado e preto dão grande coerência a estes primeiros lançamentos, sendo para a capa do primeiro disco recuperada uma fotografia tirada numa sessão de estúdio ainda no Uíge em Angola. O texto, num tom bem paternalista (comum na música popular e no contexto colonial) apresenta assim o grupo na sua estreia:

Este simpático agrupamento angolano que, pode dizer-se, conquista agora o público metropolitano da mesma forma instantânea como já havia conquistado o de Angola é composto por dois jovens de cerca de vinte anos. Começaram a cantar de forma imprevista, durante uma festa. E pode dizer-se que o espanto dos ouvintes e amigos foi igual ao dos próprios cantores, de tal forma ficaram surpreendidos com a sua habilidade. Nasceu assim o mais conhecido dos conjuntos de Angola, cujas actuações são disputadas. Eis o seu primeiro disco, primeiro degrau de uma consagração inteiramente merecida.

Muxima Terra de grande beleza entre Luanda e Malange à beira do rio Quanza, altar de Santa Ana (a mais milagreira do norte de Angola), Muxima é justamente um cântico de louvor a Santa Ana. Mana Fatia Conta a história de uma vendedeira que por ser bonita e afável consegue ter sempre para vender as mais frescas hortaliças e frutas. Kuricutéla História e reacções de um negro do interior que vê e anda de comboio pela primeira vez. Tala On N'Bundo História de um preto esperto que quer jantar e beber vinho só por 5\$00.

Texto da contracapa do EP Slem 2053, 1960.

Os temas incluídos nos dois primeiros EP's do Duo Ouro Negro fruto deste encontro único com Sivuca, serão alvo de inúmeras reedições ao longo dos anos (capas onde o vermelho substitui o dourado, ou ainda utilizando outras fotografias e arranjos gráficos para manter a actualidade e potencial de venda destes discos). E para além das edições em EP, estes temas surgem ainda em inúmeras compilações, *Tala On N'Bundo* (LP, 1966), *Africaníssimo* (LP,



O segundo EP do Duo Ouro Negro, onde surgem acompanhados pelo Fiat 1200 Granluce (lançado no salão de Turim em Novembro de 1957).

O Conjunto Os Brasileiros em tournée pela Europa em 1958. O albino Sivuca (segundo a contar da direita) acaba por ficar pela Europa até 1964. É nos meses que fica em Portugal (entre o final de 1959 e 1960 antes de rumar a França) que grava com O Duo Ouro.



1971) ou *Duo Ouro Negro com Sivuca* (CD, 1998). Sendo de destacar aqui o LP *Africaníssimo*, claramente uma tentativa de explorar a associação a Sivuca, que prosseguia uma carreira de sucesso nos Estados Unidos à data do lançamento do LP (metade do disco compila aliás temas sem a presença do músico brasileiro).

Depois deste auspicioso arranque lançam, em 1961, um EP com acompanhamento da orquestra de Joaquim Luís Gomes (1914-2009). São quatro baladas com orquestrações pesadas e desadequadas ao grupo, mas que mostram a diversidade musical que o grupo irá ter ao longo dos anos, alternando momentos de grande qualidade com outros de grande dispersão e desinteresse, sempre na busca de sucesso e afirmação enquanto músicos e também compositores (talento que irá desapontar nos anos seguintes). Neste terceiro EP os músicos continuam em sintonia no guarda roupa (outra imagem de marca da época), usando como cenário as Quedas de Kalandula (denominadas na altura como Quedas do Duque de Bragança), localizadas no rio Lucala (afluente do rio Kwanza).

O TRIO

Com nova ida a Angola o grupo volta a surgir não como um duo, mas reforçado com um novo acompanhante, José Alves Monteiro (Gin), passando a apresentar-se como um trio. A denominação será nesta fase apenas Ouro Negro, sendo usada pontualmente a designação Trio Ouro Negro. Vão lançar com esta formação um conjunto de 5 EP's entre 1961 e 1962.

A ambiguidade do grupo na sua relação com o poder reflete-se bem nestas cinco capas e respectivo conteúdo. Um conjunto de três das capas, apresenta várias imagens de uma mesma sessão fotográfica. O trio interpreta nestes discos temas de folclore angolano cantados em dialecto local e apresenta-se vestido com trajes exóticos aos olhos ocidentais, num cenário que simula a natureza sem intervenção humana (excepto na última das capas onde se percebe que estão num jardim!). Alternado o lançamento deste discos onde se exhibe este exotismo para consumo ocidental (não esquecer que estão ainda em voga nos Estados Unidos e também na Europa dezenas de declinações musicais e gráficas de Exotica, como Yma Sumac ou Les Baxter) são lançados outros dois discos com

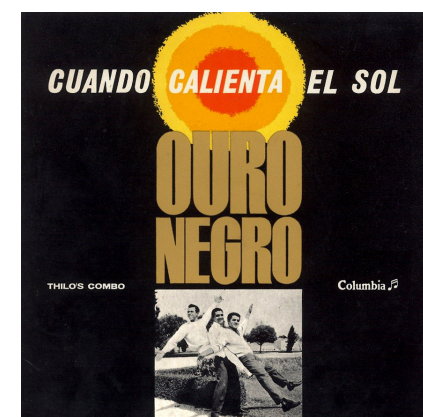


Mais uma fotografia em Angola para o terceiro EP do grupo, lançado já em 1961.



O Trio Ouro Negro numa fotografia promocional e interpretando *Txakuparika* numa apresentação gravada pela RTP na Feira Popular de Lisboa em 1963.

Em 1962, no primeiro disco com o acompanhamento do Thilo's Combo de Thilo Krasmann.



capas e conteúdo onde se quer transmitir uma imagem urbana e cosmopolita do grupo (para além do português, há aqui temas cantados em francês e espanhol). Estes dois discos usam fotografias de uma mesma sessão fotográfica realizada nos jardins da Praça do Império (construída em 1940), constituindo assim mais um paradoxo, provavelmente um pouco involuntário, dos muitos na história do grupo. Estes dois discos têm claramente um pendor mais pop, um deles de novo com a orquestra de Joaquim Luís Gomes (aqui com mais espaço para o grupo respirar), e outro com acompanhamento do mais inovador Thilo Krasmann (1933-2004) e o seu Thilo's Combo, uma colaboração que virá a dar mais frutos no futuro.

Poucos conjuntos artísticos terão firmado tão rapidamente os seus créditos como o Trio Ouro Negro. Em menos de um ano, três rapazes vindos de Angola passaram do mais completo anonimato à posição de verdadeiras vedetas do music-hall português. Tal êxito torna-se ainda mais apreciável se verificarmos que foi conseguido com um repertório constituído quase exclusivamente por obras de folclore angolano, cantadas numa língua praticamente desconhecida da maioria do público... Vencendo uma nova etapa da sua carreira, o Trio Ouro Negro apresenta-se agora num disco que se concretiza, muito em especial pela variedade do seu repertório: duas canções (Garota e Sempre Só) são originais dos próprios artistas; a terceira, Uska Dara, é uma lindíssima melodia turca; por fim, a já clássica Mãe Preta, numa versão que nada tem a ver com as anteriores. Estes triunfos, aliados ao talento interpretativo do Trio Ouro Negro, são motivos de sobejo para se augurar a este novo disco uma carreira tão triunfal como a dos anteriores.

Texto da contracapa do EP Slem 2103, 1961.

O FIM

Simultaneamente com todos estes lançamentos discográficos e com o arranque da carreira internacional do grupo, inicia-se a guerra em Angola (nos primeiros meses de 1961) e, apesar da relutância em terem qualquer conotação política, será eventualmente por razões políticas que o novo elemento do grupo desaparece —literalmente— de cena em 1963. Algumas das histórias que circulam referem pedidos de asilo à Holanda, fugas a salto para a Checoslováquia do outro lado da cortina de ferro ou traições dos colegas de grupo fruto de lutas de ego. O facto é que Gin não mais voltará a aparecer, e a sua saída é apenas uma das razões para a dissolução do grupo em



O Trio Ouro Negro em pose indígena para 3 EPs onde interpretam temas tradicionais ou de matriz mais tradicional.

1963. Entretanto algo mais tinha mudado para além da multiplicação dos espectáculos, Milo MacMahon casa-se, e o desentendimento no seio do grupo é, segundo Raul Aires Peres, irreversível. Em 1963 não é editado nenhum disco do grupo e Raul Aires Peres decide lançar a sua carreira a solo com actuações em França, sob o nome artístico de Raul Indipwo.

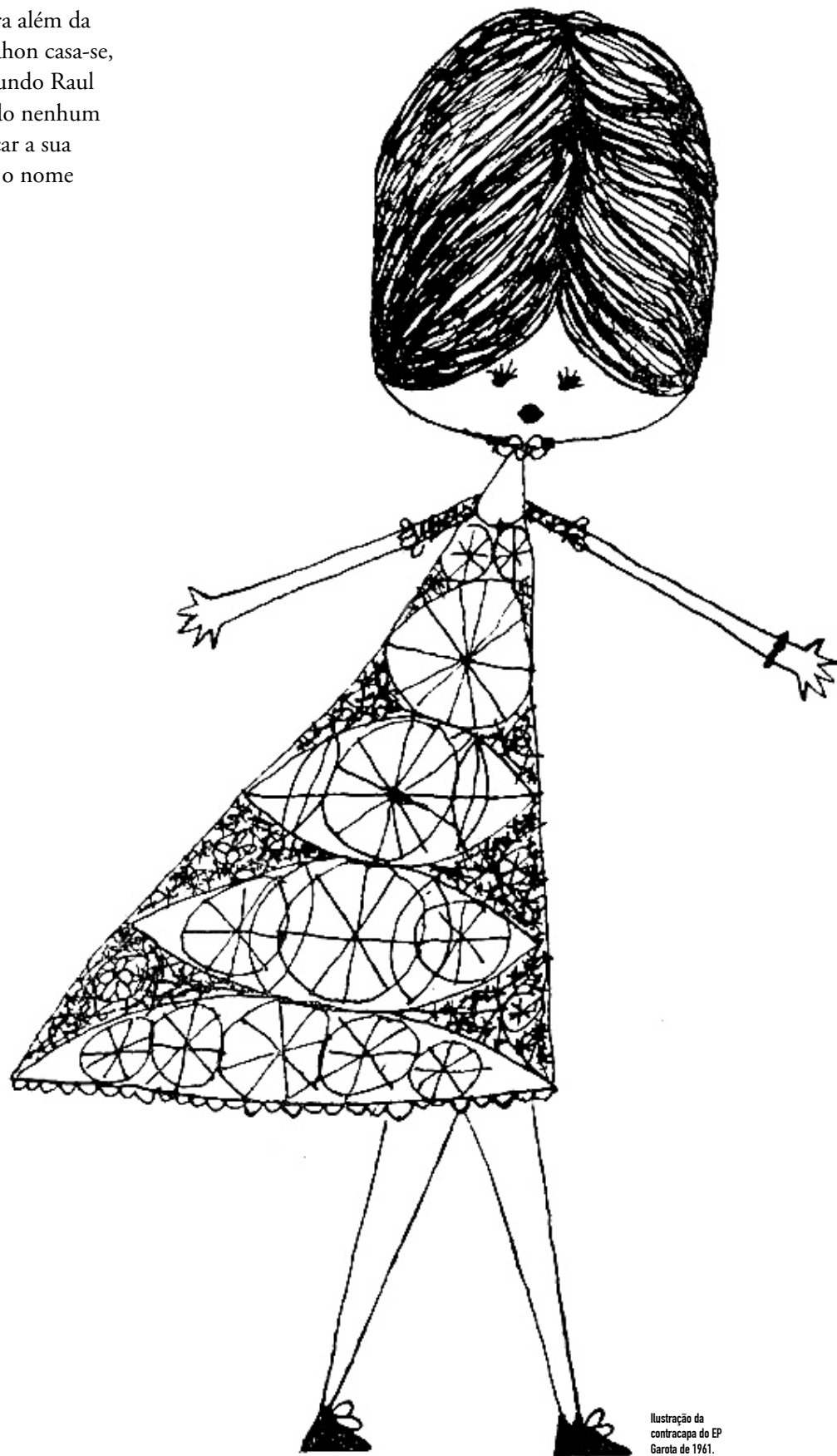


Ilustração da contracapa do EP Garota de 1961.

AU VIEUX PARIS

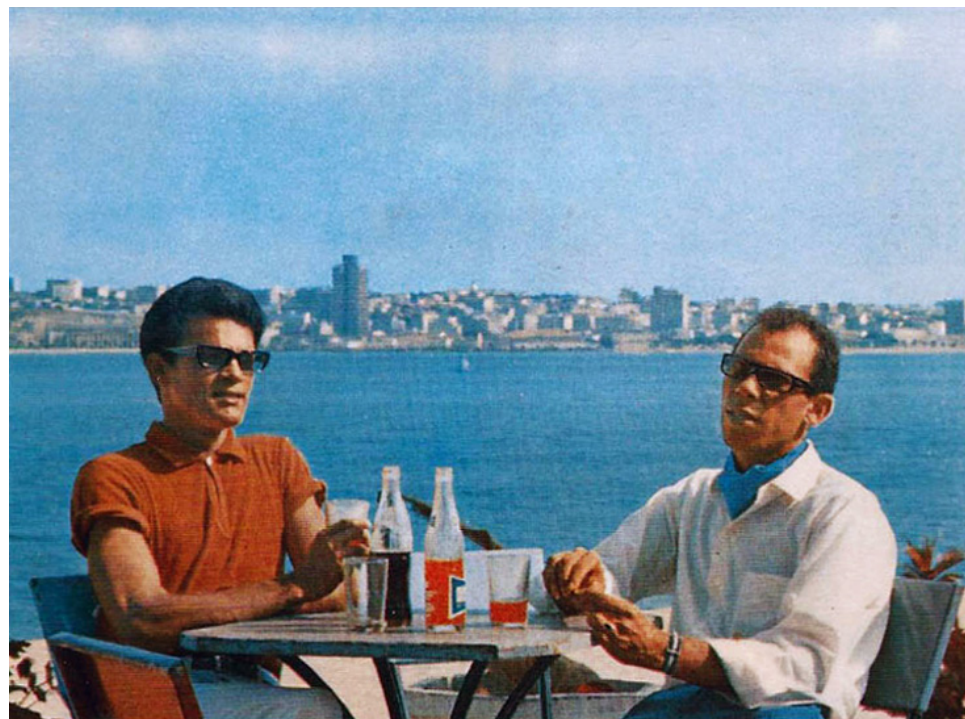


1964-1970

CHEZ LES YÉ-YÉ

Apesar do colapso do Trio Ouro Negro em 1963, ano em que não editam nenhum disco, o regresso acontece logo no ano seguinte. E acontece no formato que se manterá até ao final da carreira do grupo, 20 anos depois: o Duo Ouro Negro. Em 1964 os dois primeiros EPs que lançam recorrem à mesma sessão fotográfica e mostram o duo como jovens estrelas pop de sabor veraneante! E não era para menos, está-se em pleno boom yé-yé, ou seja com o rock 'n' roll a entrar em força, mesmo que através das suas derivações europeias, especialmente as francesas e italianas. Para reforçar esta colagem às novas sonoridades pop, o acompanhamento em 3 dos 4 EP's lançados neste novo fôlego do grupo, é feito pelo Conjunto Mistério. Entre as várias versões que vão pontuando o repertório do grupo, surge uma pouco interessante adaptação de *I Want to Hold Your Hand* dos Beatles vertida para português (o original tinha sido recém lançada pelos fab four no final de 1963). Como curiosidade, a canção não surge creditada à dupla Lennon/McCartney, mas sim a Raul Indipwo. Paralelamente ao acompanhamento pelo conjunto mistério, repete-se e aprofunda-se a colaboração com Thilo Krasmann, um verdadeiro embaixador das correntes mais tropicais neste país cinzento e triste. Correntes essas muitas vezes associadas a estilos de dança específicos que passam pelo Cha cha cha, Twist, Surf, Jerk, Madison, ... Tudo sonoridades com um grande impacto também em França e que só a partir de 1966 se desvanecerão com a afirmação global do pop-rock mais formatado de origem anglo-saxónica.

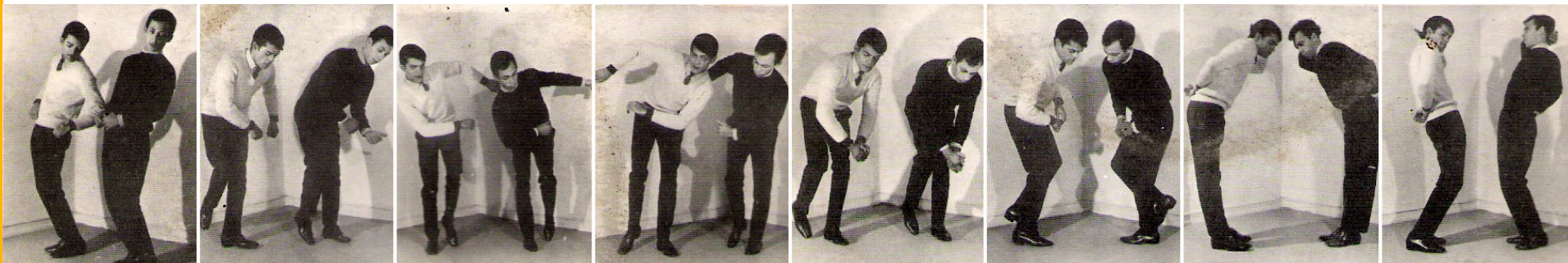
O último EP editado com o Conjunto Mistério tem, na sua capa as letras KWELA com o duo a formar os diferentes caracteres da denominação desta dança de origem sul africana, cuja musica o Duo Ouro Negro adaptou e lançou em nome próprio. E é paralelamente a este EP, que



Coca-Cola na mesa. Luanda, 1964. Sessão fotográfica para o regresso com o Conjunto Mistério.



Duplamente brilhante: a capa do EP 'Kwela' (1965) e da revista 'Album da Canção' (Abril de 1967).



Dançando a Kwela: Foto-instruções da contracapa do EP 'La Kwela' (França, 1965).

o Duo Ouro Negro torna mais sério o seu namoro com França e alcança algum sucesso com a tal Kwela, um pouco na linha dos já referidos sub-géneros de musica-danças que nessa altura conseguem furar o dinâmico mercado francês. A aposta em França passa pela edição local de diversos EPs (só entre 1965 e 1967 serão lançados 8 títulos pela Pathé Marconi), actuando o grupo no Olympia de Paris por diversas vezes nesses 3 anos. Os temas editados nesses EPs são os já editados em Portugal, à excepção de três discos. Serão estas das poucas gravações efectuadas no estrangeiro pelo duo, totalizando aqui um lote de 12 músicas originais nunca editadas em Portugal. Apenas dois temas, *N'Dôa* (um original de Raul Aires Peres) e *Cavaleiro Solitário / La Savanne* foram lançados nos dois países, mas em gravações diferentes.

FÁBRICA DE CANÇÕES

Para além de tentarem o sucesso em França, os anos seguintes serão essencialmente dedicados ao lançamento de temas no formato mais popular em Portugal na altura, o EP de sete polegadas (entre 1966 e 1969 lançam 15 discos neste formato). Musicalmente abrem-se ainda mais os horizontes, apostando-se na variedade, sem grandes preocupações de coerência formal ou musical para cada disco. Uma espécie de tiro ao alvo, ou mais correctamente, de tiro ao êxito. Prosseguem ainda a afirmação da sua reputação internacional com espectáculos um pouco por todo o lado, acompanhados por mais lançamentos dos EPs gravados em Portugal noutros mercados, como o sul-africano (provavelmente a fornecer Angola e Moçambique), o alemão, o brasileiro, o espanhol ou o israelita.

É um período menos interessante musicalmente, apesar da sua diversidade (até linguística, com temas em francês, italiano, inglês ou português do Brasil) muito por culpa dos arranjos (Orquestras de Jorge Machado, Thilo Krasmann e a partir de 1968 novamente Joaquim Luis Gomes). É também este o período dos Festivais, que funcionavam como o contexto ideal para quem se queria afirmar plenamente no mercado nacional. Os resultados das incursões no Festival da Canção são bastante desinteressantes, mas o Duo Ouro Negro participa no certame português em três edições, editando em cada edição os respectivos temas concorrentes em disco (em 1967, 1969 e 1974). Editam ainda em 1967 um EP alusivo à sua



Autografando a 'Kwela'.
Revista Notícias, 1965.



Em Paris para a capa do single que juntou uma versão do êxito de Chico Buarque, *A Banda* com *Au Revoir Sylvie* em 1967.



Fotografia da capa do EP *Pata Pata* com o Kissange em primeiro plano, 1968.

participação no II Festival Internacional da Canção do Rio de Janeiro. O Festival, onde se ouviu, por exemplo **Carolina** de Chico Buarque pela primeira vez, teve lugar em Outubro de 1967. Não terá corrido muito bem ao duo e este acabou no último lugar do certame internacional do festival. A partir de 1966 regravam e voltam a lançar alguns temas mais antigos com novos acompanhamento do Thilo's Combo: **Meadowlands** (originalmente gravado com o Conjunto Mistério), **Kurikutela** (originalmente gravado com Sivuca), **Palamie** (originalmente gravado em trio, aqui surge com roupagens mais eléctricas) ou **Garota** (originalmente gravado com Joaquim Luis Gomes).

OBRAS DE FÔLEGO

Apesar do grande ritmo de lançamentos e do sucesso popular, a ambição do Duo Ouro Negro faz com que este se aventure em dois projectos de maior fôlego e ambição artística. Primeiro com o musical, ou 'opereta' africana como lhe chama Raul Indipwo, **Rua d'Eliza** para a RTP. Um projecto em que participa Lilly Tchiumba (que irá participar também no Festival da Canção de 1969) e os Sheiks (formação com Paulo de Carvalho, Fernando Chaby, Carlos Mendes e Edmundo Silva). O tema central a partir do qual toda a estória se constrói, é **Iliza (Gomara Saia)**, que apesar de creditado apenas a Raul Indipwo, é uma adaptação de um tema tradicional de marrabenta moçambicana. Existe aliás uma versão com a voz de Rosa Tembe acompanhada pela Orquestra Djambu, no EP **Marrabenta** editado pela Alvorada. O programa é transmitido pela RTP em 1968, sendo seleccionado para representar a televisão portuguesa no Festival de Milão.

Paralelamente gravam o que será o seu primeiro álbum de originais, **Mulowa Afrika**. Até esta data, no formato LP, apenas tinham editado compilações de temas editados em 7", como é o caso de **O Espectáculo é Ouro Negro** lançado entre o final de 1966 e o início de 1967 (será depois reeditado em 1972, com outra capa). Este primeiro álbum de estúdio possui uma grande coerência formal, com acompanhamento de Thilo Krassmann no contrabaixo, António Bastos na bateria, Gualdino Barros nos Bongos, José Luis Simões na guitarra portuguesa, sendo ainda reforçado pelo Coro Feminino da Emissora Nacional. O duo recorre, para além do violão, aos instrumentos tradicionais angolanos, como a Katxakata, o Kissange e o



Dois dos EPs lançados em 1968, *Está Chovendo Cá Fora* e *Carolina*.



Rua d'Eliza (Duo Ouro Negro / Lilly Tchiumba / Sheiks), musical para a RTP.



Reedição do primeiro EP do grupo e compilação O Espectáculo é Ouro Negro, ambas com o lettering usado em *Mulowa Afrika* de 1967.

N'Goma. O LP é gravado em stereo, pelo incontornável Hugo Ribeiro, ainda uma relativa novidade em Portugal (a Columbia tinha iniciado em 1966 uma série de lançamentos em stereo, com o álbum *Conjunto Académico João Paulo no Teatro Monumental*, disco que juntava alguns temas já editados com outros inéditos). Sete dos 12 temas do LP são simultaneamente lançados em 3 EPs com outros temas, sendo inclusivé o tema *Canção da Despedida* (o tema menos interessante e menos alinhado com o resto do álbum, baseada numa canção tradicional de Gôa) lançada em 2 EPs diferentes, isto tudo em 1967.

Os próprios artistas do Duo Ouro Negro consideraram este disco como o melhor da sua carreira, tanto nas canções folk, como nos arranjos das outras canções religiosas, das quais destacamos Kyrie e Kuemba Ritôko. Os artistas do Duo Ouro Negro gravaram várias vezes, sobrepondo as suas vozes para obter um coral masculino. Regravando também em sobreposição os instrumentos de percussão.

Kissange: Instrumento musical antigo usado pelos indígenas africanos, e é constituído por uma base em madeira de pau santo, uma barra com varetas de aço e uma cabaça que serve de caixa de ressonância. Toca-se com os dedos polegares e indicadores. Katxakata: Fruto africano chamado Maboke no qual depois de dissecado são introduzidas sementes de Tôka. Tem o tamanho de uma bola vulgar de golf e é jogado de uma mão para a outra, conforme o ritmo.

Contracapa / LP SPMX 5005, 1967.

Quando terminou o trabalho de recolha, composição, arranjo e gravação deste Mulowa Afrika, ficámos, além de satisfeitos com o trabalho, com o melhor disco que até então fizéramos. Assim, quando o mesmo foi editado em vários países não ficámos surpreendidos, por termos a consciência do valor que esse disco representava, não só para nós Ouro Negro, como para a música de Angola. Mulowa Afrika levou-nos aos Estados Unidos para uma série de 50 recitais em 20 estados, efectuados em Universidades, Teatros e até algumas Óperas. Os contactos que tivemos foram, além de maravilhosos sob o ponto de vista humano, decisivos para a nossa carreira internacional. Quando a United Artists lançou simultaneamente em New York, Chicago, San Francisco e St. Louis, Mulowa foi parar ao 'Top Ten' Americano (Kuemba Ritôko). Os críticos de música, entre eles a Billboard diziam que Mulowa era o melhor disco de música africana lançado nos Estados Unidos nos últimos 10 anos... Bem... talvez que hoje, esse disco possa ser apreciado por si numa dimensão maior. E com certeza nossa, você vai mesmo gostar, mais ainda se estiver dentro da etnografia africana. Entretanto adiantamos que Mulowa é o início de Blackground.

Raul Indipwo, contracapa, reedição / LP 8E 048 40 307, 1974.



Finalmente, o primeiro álbum de originais. *Mulowa Afrika*, surge em 1967.



Os instrumentos Kissange e Katxakata.



Mulowa Afrika foi editado nos dois anos seguintes em diversos países: França ('Afrika', 1967), Brasil ('Mulowa Afrika', 1968), Israel ('Mulowa Afrika', 1968), Estados Unidos ('The Music of Afrika Today', 1969). Terá ainda sido editado na Alemanha e na Argentina, sendo definitivamente o disco mais internacional do duo. Quanto a alguma mistura entre ficção e realidade nos textos sobre o grupo, tudo fazia parte da estratégia de promoção e alguma investigação tornará fácil descodificar a que realmente se referiam.

POR BUENOS AIRES

As viagens, os lançamentos e as atuações continuam até ao final da década, sendo um dos destinos, em 1969, Buenos Aires. Mantendo-se fieis ao elevado ritmo de trabalho, gravam rapidamente um pequeno álbum de originais em castelhano. Com 12 temas em pouco mais de 25 minutos, **Latino** está todo centrado nos ritmos latino-americanos. O acompanhamento é da Orquestra de Jorge Leone, sendo editado na Argentina em 1969 e posteriormente em Portugal sob o título **Sob O Signo De Yemanjá**, acompanhado pelo lançamento de uma selecção de 4 temas num EP, **El Fuego Compartido** (que curiosamente exclui o tema mais forte do álbum, **Muamba, Banana y Cola**).

Sob o Signo de Yemanjá (A deusa de todos os Mares. Foi nos braços de Yemanjá, que o ritmo Africano viajou para o Mundo).

O conteúdo deste disco foi forjado num "Churrasco" na quinta do director artístico da Odeon, J. A. Rota, nos arredores de Buenos Aires, quando da nossa estadia na Argentina. Falou-se de África, da Argentina e do que a raça negra trouxe às Américas. Ouvimos Yupanki (um dos maiores folcloristas e compositores argentinos) agora radicado em Paris. Falou-se do Malambo, do Merengue de Cumbia e outros ritmos oriundos de África. Surgiu então a ideia de um Afro-latino-americano. O resultado do "Churrasco" da sangria e do pôr do Sol, estão resumidos nas 12 faixas que vos oferecemos. Destacamos no entanto "Quando cheguei ao Brasil" canção que dedicamos ao primeiro homem negro que chegou à América do Sul. Agradecimentos a toda a juventude que se reuniu naquela tarde de sábado para nos ouvir falar da nossa terra. Abraços especiais a Kapustin e Derlis. A Marfil, esse Colombiano grandão, com ritmo dos pés à cabeça, neto de negro. A Toscano, Febo, Castellon, Loubet,



Sessão fotográfica em Cascais aproveitada para várias capas: Valsa do Vaqueiro (1967) e Maria Rita (1969).



O Galo de Barcelos de 'Maria Rita' era um dos muitos adereços criados para o filme 'Hammerhead', rodado em Cascais em 1967.



Em plena Avenida 9 de Julho, Buenos Aires, com os sacos da TAP debaixo do braço. Curiosamente, já na capa de Mulowa Afrika aparecia o logotipo da TAP.

Fernand e Casal o nosso obrigado pelas boas canções. A Yupanki a nossa admiração e respeito ante a sua imensa figura de grande poeta, compositor e sobretudo Argentino. A Argentina com o carinho que dois jovens estrangeiros podem dedicar a um grande e lindo país, dedicamos as nossa canções cantadas em Espanhol cheio de sotaque e de Amor.

Texto da contracapa do LP Columbia 8E 62 40 003, 1969.

Entretanto, com o fechar a década de 60 e com as novas experiências recolhidas um pouco por todo o mundo, o Duo Ouro Negro prepara-se para se aventurar no seu trabalho de fôlego mais importante.



Com Amália Rodrigues, companheira em algumas deslocações internacionais.



Presença assídua nas revistas populares, o Duo Ouro Negro serve aqui de cicerone a Ruth Soares em visita de Angola (revista Plateia).

1971-1975



RAÍZES NEGRAS

Depois das aventuras pelo novo mundo, o ano de 1970 é de relativa acalmia e preparação do próximo projecto de fôlego do Duo Ouro Negro. Nesta altura a importância dos EPs começa, em Portugal, a perder terreno para a dicotomia LP / Single, que irá marcar as décadas seguintes. É também uma altura de mudanças políticas com Marcelo Caetano a assumir o poder em finais de 1968 (a ilusão de alguma abertura é nos anos seguintes frustradas com o agudizar da guerra colonial, a manutenção da censura e das perseguições por motivos políticos e, por fim, com o abandono da 'ala liberal' da Assembleia Nacional). É neste contexto que o Duo Ouro Negro desenha o projecto conceptual *Blackground*, a ser cantado em português e em inglês.

No verão de 1971 tem lugar o festival de Vilar de Mouros. Inédito em Portugal, o festival estende-se por vários fins de semana, com um fim de semana especialmente dedicado à nova música pop, com destaque para os cabeças de cartaz, Elton John e Manfred Mann. Curiosamente, ou talvez não, fruto dos habituais paradoxos de que a história do duo está recheada, não é neste fim de semana que o duo actua, mas sim, ocupando uma das noites do fim de semana seguinte, com Amália Rodrigues a actuar na seguinte. É assim na noite de 14 de Agosto de 1971 que sobem ao palco os 13 elementos que acompanham o duo nesta primeira apresentação de *Blackground*, um “espectáculo de duas horas, tendo por tema a apresentação da música angolana, até ao samba ao jazz aos blues.” (António Augusto Barge, revista Rádio & Televisão, Agosto 1971). O espectáculo será ainda apresentado no Teatro S. Luis em Lisboa reunindo entre músicos, bailarinos e cantores, 35 pessoas (Raul Indipwo, Ouro Negro CD SRD, 1993).

Africa was unfruitful and dry and Iemanjá was born from the Gods. Iemanjá felt alone and the Gods gave her a son who was born from her navel and that son was called RIVER and the RIVER crossed Africa and it went to the Sea. He crossed the sea and, on the other side, opened his arms and formed other branches and each branch was a new son and each son had a new name: MISSOURI, MISSISSIPI, AMAZON, RIO DE LA PLATA, etc. From the first Tree born in Africa, a ashew-Tree, Iemanjá made a big canoe and put in it the voices of the KUANZA, CONGO, NIGER, ZAMBEZIE, LIMPÔPÔ, and she



Blackground, álbum conceptual do Duo Ouro Negro. No interior da capa, o espectáculo levado ao palco.

Depois da presença no pavilhão português da Expo '70 de Tokyo, acabam por ver editados no Japão os discos O Espectáculo é Ouro Negro e Blackground (capas com as tradicionais tiras OBI).



said: “This is your heart, my Son, and now you are the African Man.” And the RIVER went away singing and the voice was the faith, and the rhythm was the beating of the oars on the water and the SPIRIT was a big MARACA saying “Don’t forget your Blackground”, “Don’t forget your Blackground”, “Don’t forget your Blackground”.

Raul Indipwo, *Blackground* / LP 8E 062 40 136, 1972.

Alguns meses depois de Vilar de Mouros, é finalmente lançado o álbum com capa gatefold e um livreto com uma pequena biografia/discografia do grupo. O álbum é praticamente todo escrito por Raul Indipwo (uma das exceções é *N’Vula* onde Vum Vum colabora com Milo MacMahon). Para além do trabalho de composição e arranjos, são também uma novidade os quatro músicos que acompanham o duo no disco: Adrien Ransy na bateria (músico belga de formação jazz, integrou entre 1958-1963 os The Cousins, vindo posteriormente para Portugal, integrando o Quinteto Académico de 1966 a 1968 e dos The Bridge em 1971 – um grupo com Kevin Hoidale, Jean Sarbib e Rão Kyao que actua em Vilar de Mouros e no Cascais Jazz desse ano); Terry James Thomas na guitarra (músico inglês, integrou os Objectivo em 1971-72, actuando em Vilar de Mouros e gravando o Single Out of the Drakness em 1972, antes de regressar a Inglaterra); Zé Nabo (músico incontornável, tinha já integrado os Dakota em 1965, Guitarras de Fogo, os Ekos em 1967 –com o pseudónimo Eddy Fróis-, os Showmen em 1968, os Objectivo em 1969-1972, e a Heavy Band 1971-1973, sendo que mais tarde irá colaborar com José Cid, Banda do Casaco, Rui Veloso, Salada de Frutas ou Jorge Palma entre outros); Kevin Watson Hoidale, órgão e piano em 3 temas (músico norte-americano, passou por Portugal e pelos Objectivo 1970-72, colaborando com o Grupo 5 em 1970 e com Paulo de Carvalho, 1971-1974).

A ilustração da capa é da autoria do artista angolano Eleutério Sanches (que assinará outras capas como a dos LPs *Angola 76* ou *Kualuka Kuetu 1981* de Bonga), irmão de Lilly Tchiumba (que já tinha colaborado no musical *Rua D’Elisa* do duo em 1967 e que lançará em 1975 um magnífico álbum, *N’Zambi é Deus*). O álbum como trabalho mais arrojado e acompanhado nesse ano pelo lançamento no mercado de 3 EPs não muito interessantes (*Romança da Rainha* / *Neusa* / *Hino à Paz*), e pela edição do LP *Africaníssimo*, que recupera temas anteriormente editados, especialmente os gravados com Sivuca em 1960. Entretanto, aproveitando a nova fábrica da Valentim



Mais de um ano antes do lançamento do disco, já o projecto Blackground era anunciado (revista Nova Antena, 1970).



Capitalizando o fundo de catálogo: Compilação *Africaníssimo* (LP, 1971), EP *Kyrie* – 4 temas de *Mulowa Afrika* de 1967 (EP, 1972) e reedição da compilação de 1966, *O Espectáculo é Ouro Negro* (LP, 1972)



Procurando o equilíbrio entre trabalhos mais populares e linguagens menos imediatas. (*Neusa*, 1971 e *Luanda Luandense*, 1973)



de Carvalho em Angola, são extraídos dois temas do álbum e lançados em 1972 no formato single (*Amanhá / Napangula*).

Devido a extensão do continente africano existem os mais variados aspectos das chamadas «civilizações» e costumes, que surpreendem a cada passo mesmo os que tenham tido já mais que um contacto com África ou até com africanos de regiões diferentes. Uma coisa é comum a todos dado que a progressão do homem africano, além de matemática e geométrica, comparativamente ao homem europeu, é rítmica e musical. O ritmo e a música são uma constante da vida africana, quer nos rituais religiosos, quer nos trabalhos de rotina ou ainda em todas as manifestações sociais colectivas. As chamadas «canções de trabalho» que os escravos cantavam nas colheitas de algodão na América do norte, ou nos engenhos de açúcar e nas roças da América do sul não são mais que canções de «coragem» e marcação do ritmo de trabalho colectivo que ainda hoje se pode ver em África nos «Espirituais», no «Gospel» e no «Soul music» vislumbra-se bem a música ritual religiosa africana, com todos os Orixás, Kalundús e Lembas levados para a América do Sul em Makumbas, Voodoo, Umbandas e manifestações religiosas similares. O Blue em África é chamado «Canção de choro», «Lamento» ou mais generalizadamente «Maracatu». Por isso, os estudos feitos por “Santana” e “Osibisa”, vem absolutamente ao encontro do nosso trabalho em Blackground n.º 1.

Reedição de Blackground / LP 8E 048 40 308, 1974.

KALUNGAS

Em 1972 surge uma nova gravação com **Construção**, versão do tema de Chico Buarque, originalmente gravada no álbum homónimo de 1971. Neste disco o Duo Ouro Negro é acompanhado pelos Kalungas 4, grupo com quem vão gravar mais dois singles em 1973 (**Luanda Luandense** e **Totoritué**). Nos Kalungas 4 mantém-se Zé Nabo que já acompanhava o duo desde **Blackground**, juntando-se Ricardo Pellegrin na percussão (músico da Guiné-Bissau, irá posteriormente radicar-se no Canadá e usar o nome artístico, El Kady), Lopes Junior na guitarra (músico dos Ekos) e Eduardo Couto também nas guitarras. Em 1974 são reeditados com novas capas os dois álbuns de originais da banda gravados em Portugal, **Mulowa Afrika** e **Blackground**, num contexto de abrandamento das edições do grupo, ainda por cima paralelas a uma desinspirada participação no Festival da canção em Março de de 1974. E depois, é Abril.



Pormenor da pintura de Raul Indipwo utilizada na capa de **Epopeia**, intitulada 'O Parto' de 1974 (a pintura original faz actualmente parte do acervo da Fundação Calouste Gulbenkian).

Reedições simultâneas em 1974 de **Blackground** e do seu precursor, **Mulowa Afrika**. Em 1982, **Mulowa Afrika** será reeditado com uma outra nova capa e em 1985, **Blackground** será reeditado com esta mesma imagem na capa.



Com o 25 de Abril o duo, que sempre tinha tentado estabelecer-se num plano internacional, uma espécie de cidadãos do mundo de matriz portuguesa com os pés em África, fica de repente numa terra de ninguém. É apenas em 1975, e já depois do lançamento de mais uma compilação de êxitos, que edita os dois discos que fecham o seu contrato com a EMI-Valentim de Carvalho. O LP lançado é mais um álbum conceptual, ou melhor, um álbum com duas faces temáticas: *Epopéia* (no lado A) e *Lamento do Rei* (no lado B). Musicalmente o acompanhamento é dos Kalungas 4.

O Rei está livre novamente. O seu reino liberto é mais contente do que o antigo reino escravizado. O Rei canta e seu canto segue no vento, como seguira antes seu lamento na revolta de um povo agrilhado. Mas é preciso compreender agora o termo exacto, a dimensão, a hora da força da canção. Porque não é um Rei que está cantando, é a África toda despertando como poder de Raça e de Nação!

Lamento do Rei / LP 8E 054 40 353, 1975.

A capa de *Epopéia* mostra uma pintura de Raul Indipwo na linha estética e cromática já mostrada na reedição de *Mulowa Afrika*. Já a capa de *Lamento do Rei* (da autoria de António Villar de Souza) mostra um mapa de África como um tabuleiro de xadrez onde a um peão e uma rainha pretas se opõem três peças, uma cujo corpo é um cifrão (encimado por uma coroa) e outras duas encimadas por uma cruz e uma suástica, em mais uma alegoria à libertação dos povos africanos. O single, com o tema mais abertamente politizado do grupo (afinal estávamos em 1975 e tudo procurava ser abertamente politizado), é *Poema para Allende*, reflectindo mais uma vez as influências da América Latina. O lado é *Tentando ir mais Alto*, uma espécie de epílogo para a fase mais arrojada e criativa da discografia do grupo.



De *Epopéia / Lamento do Rei* nenhum single é extraído, sendo lançado como fecho de contrato com a EMI, o single *Poema para Allende* em 1975.

1976-2006



ANOS ORFEU

Na ressaca da Revolução de Abril de 1974 e da Independência de Angola em Novembro de 1975, o duo vê terminada a sua ligação contratual à sua editora de sempre, a Valentim de Carvalho (inicialmente em representação da Columbia e, já em 1974, da EMI). O ano de 1976 surge como um ano de pausa nas edições discográficas, pondo fim a 13 anos de edições ininterruptas. Neste ano apenas sai em França uma derradeira e excelente compilação que junta temas de 1960 gravados com Sivuca com temas extraídos dos álbuns *Mulowa Afrika*, *Blackground* e *Epopéia/Lamento do Rei* –estes dois últimos nunca lançados em França. É ainda no final desse mesmo ano que Milo McMahon abre o seu HIT-Pub (localizado no Bairro das Estacas em Lisboa, hoje ocupado pelo Bar Fadariu's), que será o ponto de encontro de músicos e amigos nos anos seguintes.

Depois desta segunda pausa na carreira do grupo desde 1963, é na Orfeu de Arnaldo Trindade que voltam aos estúdios, lançando, em 1977, uma primeira amostra do seu próximo álbum com o single *Mamã Esperança / Cipriano*. No ano seguinte sai mais um single, curiosamente creditado apenas a Raul Indipwo, com os temas *Ter Amigos é Fortuna / A bela da Fonte*. Apenas em 1979 é finalmente lançado o LP *Lindeza!*, que fecha o seu alinhamento com estes quatro temas anteriormente editados nos singles (com *Mamã Esperança* numa nova versão). *Lindeza!* é um disco sem um produtor creditado, mas com a gravação e misturas a cargo do calejado Moreno Pinto. Nos músicos mantém-se Zé Nabo no baixo, surgindo Mike Sergeant na guitarra, Mário Rui no violão, D'Jilá Jor na guitarra de 12 cordas e ainda José Cid no acordeão (no tema *Quando Eu Voltar*). A ficha técnica é incompleta e curiosamente o nome de Milo MacMahon não aparece sequer mencionado no disco, surgindo apenas na foto da capa.

O álbum, marcado pela saudade de uma Angola mergulhada numa sangrenta guerra civil, é uma clara partida da sonoridade que vinha a ser desenvolvida nos álbuns mais conceptuais da década de 70, *Blackground* e *Epopéia/Lamento do Rei*, isto apesar de ser arrancar com uma sequência muito interessante -e de grande coerência formal- em grande parte do seu lado 1, desde a abertura com *N'Gola 1483 / Luanda em Novembro* até *Lindeza!*.



Disco de estreia na Orfeu, de 1979 inclui 4 temas lançados em single em 1977 e 1978.



A tranquilidade da Baía de Luanda, numa altura em que Angola continua mergulhada numa sangrenta guerra civil.



Single de 1985, recuperando o êxito Vou Levar-te Comigo.

O resto do disco é um amontoar de canções de nível e estilos variáveis, contendo o famoso **Vou Levar-te Comigo** (a abrir o lado 2). Fica assim definitivamente encerrada a fase de experimentação do grupo, reduzidos também a uma escala mais local (a Orfeu não tem capacidade para que os seus discos sejam lançados no estrangeiro como tinha a Columbia-EMI). A referência a 1483 assinala o ano da chegada à foz do Rio Congo por Diogo Cão, no fundo, a chegada de Portugal àquilo que viria a ser Angola...

N'Gola, 1483...

E no horizonte surgiu uma canôa gigantesca com velas brancas, que se aproxima veloz, cada vez mais, com o vento...

Era o Homem Branco que chegava; numa mão uma cruz, na outra uma espada. Nos olhos, um brilho estranho de espanto, de cobiça, de triunfo. Ao som dos Kissanges, marimbas e Txingufos, ele desembarcou, calçando os pés com terra negra. Então N'Gola viu a sua terra esventrada gritar de dor e transformou-se. Viu seus filhos serem levados para outros mundos. Conheceu uma nova cultura, uma nova violência, a intolerância que se abatia sobre a sua terra. N'Gola adormeceu um sono longo e agitado, cheia de vozes no peito, crescendo, crescendo tanto que, num alarido despertou... a a Voz dizia:

– Não durmas mais... Não durmas mais...

Era Novembro e as acacias vestiam-se de garrido vermelho. O Sol vinha a nascer com um brilho novo, sobre a Terra perfumada de Tamarindo e Jambo...

Uma Lindeza.

Raul Indipwo, LP Lindeza!, 1979.

Na sequência deste LP, logo em 1980, surge um single com dois inéditos **Luar da Lua Cheia / Amor de Mentira** (aqui com direcção musical de Luis Pedro da Fonseca, fundador nesse mesmo ano dos Salada de Frutas), donde se destaca o mais dançante lado b.

Depois deste período de tímida produção, o Duo Ouro Negro chega a 1981 com energias renovadas para um espectáculo no Teatro da Trindade, **Império de Iemanjá** (espectáculo que terá feito uma tour por outras cidades europeias como Paris). E é com um conjunto alargado de músicos que irão registar o novo duplo álbum **Blackground** nos estúdios da Rádio Triunfo (da editora Orfeu). Para além do Duo Ouro Negro, os músicos são Steve Neil (baixo), João Maló (guitarra solo), Emilio Robalo (piano), Zézé M'Gambi (Bateria), Terinho



1981. SG Gigante Chivas Regal, Coca-Cola, sofás de cabedal, camisas pretas abertas e blazers brancos, uma das roupas de palco de Sob o Signo de Iemanjá.



O único álbum duplo da carreira do grupo, recupera o título e o conceito de Blackground.



Império de Iemanjá, espectáculo ao vivo no Teatro da Trindade que serviu de base aos discos de 1981.

M'Umbanda (Órgão), Perikles (Flauta e Sax), o Grupo Raízes (Nelinho, Beto e Míndo nas percussões e Nelson no baixo), Lena d'Água e Formiga (Coros) e um grupo de dançarinas (Nita, Nénéca, Nikóia, Záza, Izabel, Ivone, Elsa). Marcam ainda presença alguns músicos convidados como a sul africana Busi Mhlongo (no tema Aruanda), o liberiano Otongo Brawn (no tema Aruandaí) ou a guineense Ivette Mandinga. Apesar do título do disco e do texto do encarte (que reproduz o texto já publicado na reedição de 1974 do LP *Blackground*), musicalmente apenas 4 temas são recuperados do álbum de 1972 (*Ondyaya*, *Yermanjá*, *Blackground* e *Amanhá*). De resto são 11 temas totalmente novos que compõem o álbum, acompanhados ainda pela nova gravação de dois temas: *Muamba*, *Banana e Cola* (agora em português) e *Suliram*. O trabalho gráfico da Orfeu com os Duo Ouro Negro é muito pobre e executado com grande falta de cuidado. Na lista dos temas deste LP, por exemplo, falta listar um tema (*Missanga*), *Luanda Vou* aparece como Luanda Vova e outro tema aparece o título trocado (*Missanga* em vez de *Suliram*). Apesar disto, o duplo álbum, tem direito a uma 'edição limitada' com mais imagens num encarte interior à capa de abrir.

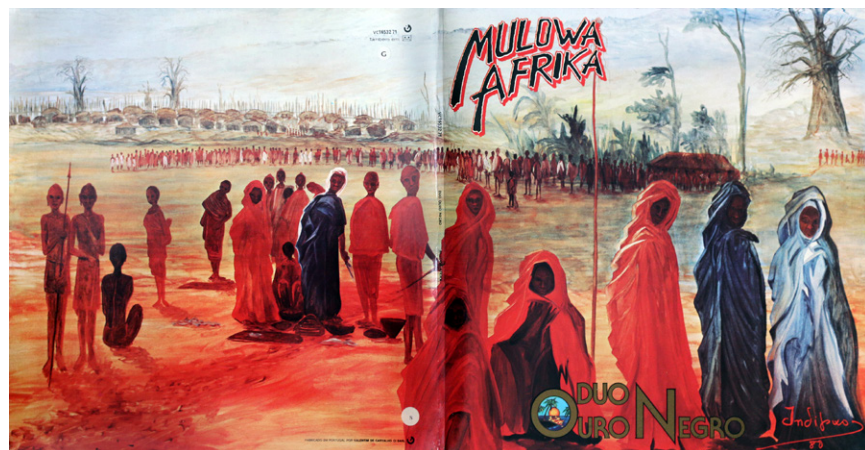
O álbum mostra o grupo com grande energia e a explorar todas as suas facetas, com espaço para se lançar em temas que cruzam descomplexadamente as tradições africanas com o funk, a soul ou o reggae. Do álbum são extraídos dois dos temas mais fortes para um single: *Marmelada / Muamba, Banana e Cola*, saindo já em 1982 uma reedição do LP *Lindeza!* e um último single pela Orfeu (*Estou Pensando em Ti / Rapsódia Angolana*), cujo lado b é ocupado por um medley que faz uma retrospectiva dos vários êxitos da carreira do grupo.

REGRESSO IMPOSSÍVEL

Com o fim da relação com a Orfeu, dá-se o regresso à EMI, onde é reeditado em 1982 o primeiro álbum de originais, *Mulowa Afrika* (com uma nova capa, a terceira das edições portuguesas desse disco). O ano de 1983 é novamente um ano de pausa, exceptuando o lançamento de mais uma compilação de êxitos, *O Disco de Ouro*. Em 1984 dá-se o regresso às edições de originais com o álbum *Aos Nossos Amigos*. No disco recuperam-se três temas anteriormente gravados pelo grupo: *Ce Palmier*



Fotografias do encarte da edição limitada de *Blackground*.



Em 1982 sai uma terceira edição em Portugal de *Mulowa Afrika* em Cassete e LP (com capa de abrir com uma pintura de Raul Indipwo de 1980).



Fotografia promocional do duo da década de 80.

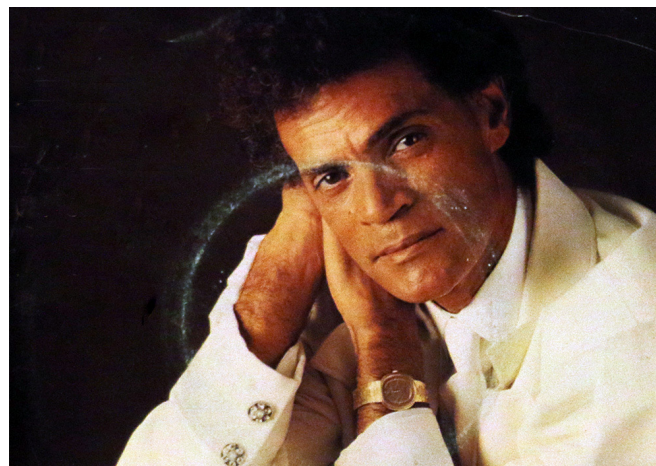
(originalmente gravado num dos três EPs franceses dos anos 60), *N'Zambi* (originalmente gravado para um dos EPs do trio Ouro Negro) e *Quando Cheguei ao Brasil* (originalmente gravado para o LP *Latino/Sob o Signo de Yemanjá*, de 1969). A produção fica a cargo de Milo Mac Mahon com os arranjos de Mike Sergeant e o assinalável regresso ao Engenheiro de som que os tinha acompanhado desde a sua estréia discográfica, Hugo Ribeiro. O disco aponta baterias em várias direcções, conseguindo ainda alguns pontos altos, nomeadamente com os dois temas lançados em single *Comboio Mala de Benguela / N'Zambi*.

Apenas alguns meses depois do lançamento do disco, em Abril de 1985, morre Milo Mac Mahon, fechando-se a história do Duo Ouro Negro. Evitando baixar os braços, Raúl Indipwo, edita ainda em 1985, um primeiro single *Meus Olhos Ficaram Mar / À Beira Mar*. O seu nome artístico será agora Raul Ouro Negro e vestirá sempre de branco em sinal de luto pelo companheiro desaparecido. Em termos de lançamentos no anos de 1985, a Orfeu relança *Vou Levar-te Comigo* (em single) e a EMI relança *Blackground* (o LP sai com uma nova matriz, mas de resto praticamente igual à reedição de 1974).

Em 1986 Raul Ouro Negro lança o seu primeiro álbum a solo, *Sô Santo*, voltando a usar músicos que o tinham acompanhado nos anos mais recentes. Apesar do disco não ser especialmente interessante, há alguns temas merecem destaque, como a abertura com *Kalunga* ou os três temas mais dançantes: *Cidrália*, *Pensamento Voa* e *Totoritué* (numa nova versão deste tema popular que o duo tinha lançado originalmente num single em 1973). O disco fecha com uma melancólica balada, *Kassua*, uma espécie de despedida de Raul Indipwo. Para a capa mais uma pintura do músico que se dedicava cada vez mais à pintura, *A Minha Casa de Benguela*.

EPÍLOGO

Cinco anos depois deste último álbum, em 1991, Raul Indipwo ainda faz um derradeiro disco, *Meninos D'Oiro*. O disco editado pela Fundação Ouro Negro (em LP e CD) pretende precisamente divulgar o trabalho da fundação e para o gravar foram convidados alguns amigos do músico como Bonga, Celina Pereira ou Rui Veloso.



Após o desaparecimento de Milo Mac Mahon, Raúl Indipwo passa a vestir sempre de branco.



A Minha Casa de Benguela, pintura de Raúl Indipwo para a capa do LP *Sô Santo*.



Raul Indipwo com o pequeno leão Kurika. O músico colaborou com outros artistas na angariação de fundos para o Jardim Zoológico de Lisboa, através de um espectáculo e o lançamento de um single.



O disco recupera para uma nova versão o tema *Pajarito Mañanero* de *Latino/Sob o Signo de Yemanjá* e fecha com o tema coral, *Lunga* pelos Afra Sound Stars. Desde meados dos anos 80 até ao final da sua vida colaborará ainda na edição discográfica de vários projectos de solidariedade, como *Abrço a Moçambique* (1985), *Pirilampo Mágico* (1993), *Cantores da CPLP por Timor* (1999) ou *Coração de Leão* (a favor do Jardim Zoológico de Lisboa). Em Maio de 2005 comemorou os 50 anos de carreira acompanhado de Bonga, Marisa, Luís Represas e Pedro Jóia. No ano seguinte, em Junho de 2006 fecha-se, com a morte de Raul Indipwo um dos capítulos mais enigmáticos e paradoxais da música popular portuguesa, africana, latina, enfim, a catalogação fácil nunca o conseguiu limitar a nenhuma fronteira.

Das inúmeras compilações que continuaram a sair durante as décadas de 1990 e 2000, destaque para duas. Em 1993, sai uma caixa bastante abrangente com 4 CDs (ou cassetes) editada pela Reader's Digest, acompanhada por um texto sobre a história do grupo da autoria de Raul Indipwo que faz também a pintura da capa. Esta antologia divide em quatro partes (uma para cada CD): *Grandes Êxitos*, *Minha Mulata*, *Ritmos de África* e *Meninos D'Oiro*. Em 2010 é editada a ainda fundamental caixa também de 4 CDs *Duo Ouro Negro - O Essencial: Edição de colecionador*, com textos de Firmino Pascoal e João Bonifácio (cujo texto no jornal Público despoletou a antologia). Aqui se compila grande parte daquilo que de mais interessante o grupo editou, dividindo-se também esta caixa em quatro temáticas: *Espírito Blackground*, *Os Grandes Sucessos*, *Versões* e *Tradicional Angolano*. Estão presentes grande parte dos temas mais interessantes editados em EP dos primeiros anos do grupo (colaborações com Sivuca e trabalhos em trio) e se editam pela primeira vez em CD praticamente a integral dos LPs conceptuais do duo: *Blackground* (apenas o tema *Venho de Longe* está ausente) e *Epopéia/Lamento do Rei*, onde faltam 3 temas: *Só por te ver chegar*, *Minha* e *Meu filho (Monami)*. Infelizmente, por razões que a razão desconhece, desperdiçou-se aqui a oportunidade de fazer um trabalho definitivo sobre os anos mais interessantes do grupo. Com o regresso do interesse no vinil haverá em 2017 uma terceira reedição portuguesa para *Blackground* (recuperando cuidadosamente todo o trabalho gráfico da edição original). Mas infelizmente continua muita coisa por escrever, por editar criteriosamente, e claro, por ouvir.



Mais uma pintura de Raul Indipwo, desta vez a ilustrar a capa da antologia *Ouro Negro* das Selecções do Readers Digest de 1993.

DISCOGRAFIA COMPLETA

Discografia completa no sentido em que se encontram aqui todos os Singles, EPs e LPs editados em Portugal com todos os temas gravados pelo Duo Ouro Negro. Foram daqui excluídas as compilações e reedições lançadas em Portugal e em inumeros países onde o Duo Ouro Negro teve os seus discos editados (excluindo assim discos com diversas combinações de temas que se encontram presentes nesta discografia completa).

1960



Columbia SLEM 2053 / EP

Muxima
Mana Fatima
Kurikutela
Talo On N'Bundo



Columbia SLEM 2058 / EP

Kangrma
Eh Sambá
Kabulo
Maria Candimba

1961



Columbia SLEM 2060 / EP

Nostalgia
Luanda
Serenata a Luanda
Serenata do Adeus



Columbia SLEM 2086 / EP

Henduada Xala
N'Birin N'Birin
N'Zambi
Palamié



Columbia SLEM 2087 / EP

Rebita
Bessa N'Gana
Koronial
Ana N'Gola Dilenué



Columbia SLEM 2103 / EP

Carota
Uska Dara
Mãe Preta
Porque Estou Só

1962



Columbia SLEM 2117 / EP

N'Guina Kaiábula
Mariana
Tsakuparika
Cidrálea



Columbia SLEM 2118 / EP

Quando Calienta El Sol
Em Busca Duns Olhos Verdes
Cavaleiros Do Céu
Non, Je Ne Regrette Rien

1964



Columbia SLEM 2170 / EP

Dominique
Beija-Me
Hava Nagula
Agora Vou Ser Feliz



Columbia SLEM 2183 / EP

Cavaleiro Solitário
Amor Que Partiu
Popotitos
É Verão



Columbia SLEM 2189 / EP

La Mamma
Por Um Chamiço
Alucinado
Nós e o Amor

1965



Columbia SLEM 2196 / EP

Meadowlands
N'Bube
N'Dáa
Muindo D'Iaxala

ORIGINAIS FRANCESES

Dos inúmeros discos lançados no estrangeiro estes 3 EP's merecem destaque por serem os únicos que contém gravações inéditas em Portugal (*N'Dáa* e *La Savanne/Cavaleiro Solitário* foram editados em Portugal em gravações diferentes com o Conjunto Mistério). O EP *Ce Palmier* (ESRF 1669) foi também lançado com a designação *Volume 1*, usando a mesma foto de capa do *Volume 2* (ESRF 1856).



Columbia ESRF 1633 / EP / 1965

La Kwela
La Kwela de L'Angola
Heno Wakwe
N'Doa



Columbia ESRF 1669 / EP / 1965

Ce Palmier
L'océan
Seul dans ce Monde
La Savane



Columbia ESRF 1856 / EP / 1967

Si tu Revenais
Les Autres
Le Fleuve
Sur le Chemin de Ma Peine

PRIMEIRO LP

Antes de iniciar a prensagem e o lançamento de LPs em Portugal com a série SPMX 500x, a Columbia recorria a prensagens inglesas para lançar alguns títulos portugueses na série internacional 33 CSX. Entre estes estará o primeiro LP do grupo. Uma hipótese é que o alinhamento desse LP seja idêntico a este LP da Odeon brasileira que junta na integra 3 EPs do grupo (2053, 2058, 2087).



Odeon / LP (Columbia 33 CSX 23 ?)

Kangrma
Eh Sambá
Kabulo
Maria Candima
Rebita
Bessa N'Gana
Koronial
Ana N'Gola Dilenué
Muxima
Mana Fatima
Kurikutela
Talo On N'Bundo

1966



Columbia SLEM 2239 / EP

Au Revoir Sityve
Banana Boat
E Veio o Vento
Click Song



Columbia SLEM 2240 / EP

O Amor, O Sol e O Mar
Jikele Mauenhi
Garotas Do Porto
Menino De Braçanã



Columbia SLEM 2241 / EP

Dio Come Ti Amo
Kurikutela (nova versão)
Write Again
O Trem das Onze

1967



Columbia SLEM 2266 / EP

Dia das Rosas
A Banda
Belucha
Canção da Despedida*



Columbia SLEM 2270 / EP

Quando Amanhecer
Livro Sem Fim
Apenas Tu
Mundo Azul



Columbia SLEM 2278 / EP

La Mer Le Vent Le Sable
O Arrastão
Meadowlands (nova versão)



Columbia SLEM 2279 / EP

Valsa do Vaqueiro
Dekhni
Suliram*
Mulowa*



Columbia SLEM 2280 / EP

O Futuro é Teu
Canção da Despedida*
Salomé*
N' Dia N' Goé



Columbia SLEM 2287 / EP

Kubatokuê Mulata
Palâmie*
liza (Gomara Saiá)*
Maihêtsô*



Columbia SPMX 5005 / LP / MULOWA AFRIKA

Kyrie
Salomé
Txizengue
Maihetsô
Suliram
Maria Provação
Kuemba Ritoko
liza (Gomara Saiá)
Palâmie
Mulowa
Canção De Despedida (Song Of Farewell)
Áfrika (Kaiabula)

1968



Columbia SLEM 2301 / EP

Carolina
Garota (nova versão)
Timpanas
Kátéria



Columbia SLEM 2313 / EP

En Suiwant L'étoile
Upa Neginho
Pata Pata
Rita Flor Da Canela



Columbia 45ML239 / Single

Carnaval de Luanda
A Minha Mulata



Columbia SLEM 2327 / EP

A Cave
Viver Sem Amor
Está Chovendo Cá Fora (Mangwene
Npulele)
Barco Sem Rumo

1969



Columbia SLEM 2340 / EP

Tenho Amor Para Amar
Pobre Pierrot
Cantiga
Mais Uma Dor, Mais Uma Canção



Columbia SLEM 2343 / EP

Maria Rita
Nocturno
A Minha Mulata

LATINO / SOB O SIGNO DE YEMANJÁ

Em 1969 é gravado nos estúdios da Odeon em Buenos Aires este LP com a orquestra de Jorge Leone. Cantado em espanhol, o LP é depois editado em Portugal com nova capa e rebaptizado Sob o Signo de Yemanjá.



Odeon 'Pops' LDF 4393 / LP

Kola Kola
Quando Llegue a Brasil
El Fuego Compartido
No Voy A La Ciudad
Zambi
Mañana, Tarde y Noche
Pajarito Mañanero
Muamba, Banana y Kola
Toca Palito
Henda-Xala
Los Ejes De Mi Carreta
Vinagre, Aceite y Sal



Columbia 8E 062 40 003 / LP

Cola-Cola
El Fuego Compartido
Muamba, Banana y Cola
Toca Palito
Me Voy A La Ciudad
Zambi
Quando Cheguei ao Brasil
Pajarito Mañanero
Los Ejes De Mi Carreta
Mañana, Tarde y Noche
Henda Xala
Vinagre, Aceite y Sal



Columbia 8E 016 40 018 / EP

Ela... Ela Já Esqueceu
Foste Minha um Verão
Talvez Te Dê uma Rosa
Nem o Cravo, Nem a Rosa

1970



Columbia 8E 016 40 064 / EP

El Fuego Compartido*
Henda Xala*
Quando Cheguei ao Brasil*
Zambi*

1971



Romance Da Rainha
Singing My Song
Estrada Da Vida

Columbia 8E 016 40 126 / EP



Neusa
Kangrima*
Mana Fatita*

Columbia 8E 016 40 127 / EP

1972



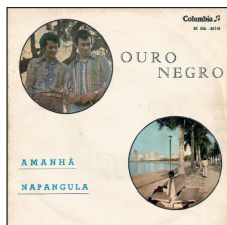
Blackground
Venho de Longe
Amanhã
Napangula
Ondyaya
N'Vula
Georgina
N'Djimba
Yemanja

Columbia 8E 062 40 136 / LP



Hino À Paz
Rita Flor De Canela*
Distância

Columbia 8E 016 40 137 / EP



Amanhã*
Napangula*

Columbia 8E 016 40 145 / Single (Angola)



Construção
Distância*
Txizenguê*

Columbia 8E 016 40 224 / EP



Kyrie*
Maria Provocação*
Áfrika (Kaiábula)*
Kuemba Ritôko*

Columbia 8E 016 40 225 / EP

1973



Tótoritú
You Indo Por Ai

Columbia 8E 006 40 289 / Single



Luanda Luandense
Kungenu
Kitari Kiamie

Columbia 8E 016 40 290 / EP

1974



Baía Dos Trovadores
Vamos Erguer a Vida

EMI 8E 006 40 311 / Single



Vamos Erguer a Vida*

VC 1/74 / Single / Promo

1975



Poema Para Allende
Tentando Ir Mais Alto

EMI 8E 006 40 352 / Single



EPOPEIA:
Muinda / Kwateni /
Chegou o Homem Branco
Só For Te Ver Chegar
LAMENTO DO REI:
Lamento do Rei
Muimbo Uá Sabalo
Polé Mzê
Okulima Kuvala
Minha
Meu Filho (Monami)

EMI 8E 054 40 353 / LP

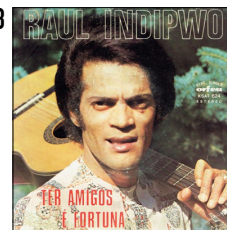
1977



Mamã Esperança
Cipriano*

Orfeu KSAT 603 / Single

1978



Ter Amigos é Fortuna*
A Bela da Fonte*

Orfeu KSAT 624 / Single

1979



N'Gola 1483 / Luanda Em Novembro
Despertar
Lindeza!
Quando Eu Voltar
You Levar-te Comigo
Conversa Fiada
Mamã Esperança (nova versão)
Ter Amigos é Fortuna
Cipriano
A Bela Da Fonte

Orfeu FPAT 6004 / LP e Cassete

1980



Luar da Lua Cheia
Amor de Mentira

Orfeu KSAT 683 / Single

1981



Iemanjá / Blackground (nova versão)
Aruanda / Aruandaí
Amanhã (nova versão)
Menina Negra
Muamba, Banana e Cola (nova versão)
Into-Zelali
Suliram (nova versão)
Marmelada
Luanda Vou
Dança do Robalinho
Minha
O Mar é Meu
Missanga
Iemanjá / Ondyaya (nova versão)

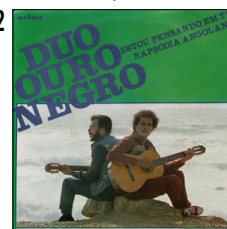
Orfeu DASPEAT 401 DAFPAT 601 / LP e Cassete



Marmelada*
Muamba, Banana e Cola*

Orfeu TSAT 301 / Single

1982



Estou Pensando em Ti
Rapsódia Angolana

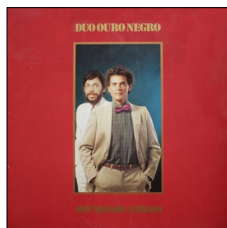
Orfeu TSAT 319 / Single

1984



Comboio Mala de Benguela*
N'Zambi*

EMI 1775 057 / Single



Comboio Mala de Benguela
Pois É...
Meu Pezinho
Ce Palmier (nova versão)
Festamento
N'Zambi (nova versão)
Camisa de Amigo
Estranho Sonho
Quando Cheguei Ao Brasil (nova versão)
Último Amigo
Best Things In Life Are Free (Viver Não Custa)
Tweza

EMI 1 775 101 / LP e Cassete

1985



Vou Levar-te Comigo*
Luar de Lua Cheia*

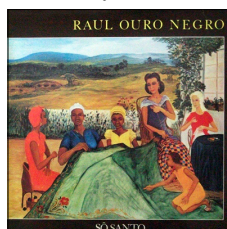
Orfeu RT - SINP 36 / Single



Meus Olhos Ficaram Mar
À Beira Mar

EMI 1 775 657 / Single

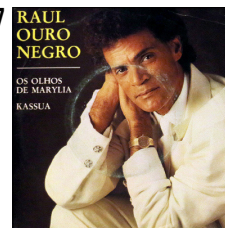
1986



Kalunga
A Minha Casa De Benguela
Fricassé
Africa Latina
Totorité (nova versão)
So Santo
Cidralia
Os Olhos De Marylia
Pensamento Voa
Quando A Gente Vai Embora
Kassua
Meus Olhos Ficaram Mar (apenas CD)
À Beira Mar (apenas CD)

EMI 1 776 061 / LP e Cassete (CD 1997)

1987



Os Olhos De Marylia*
Kassua*

EMI 1 776 167 / Single

1991



Meninos D'Oiro
Caim Caim
Porquê?
Tudo Isto É Fado
Rita Flôr De Canela
Regresso
Estamos Juntos
Amores De Iemanjá
Pajarito Maianero (nova versão)
Sambá
Lunga

Fundação Ouro Negro 801203 / LP CD Cassete

* temas repetidos (já editados ou presentes em álbuns de originais).

DISCOGRAFIA INCOMPLETA

Tanto em Portugal como no estrangeiro serão tantas ou mais as edições que pegam nos temas e discos da discografia completa e os reeditam e antologizam. Dessa panóplia de edições, ficam aqui algumas notas para facilitar a cartografia universal do Duo Ouro Negro, excluindo-se também as muitas compilações que o Duo Ouro Negro integra com outros artistas.

COMPILAÇÕES

Primeiras compilações editadas até final da década de 70. Como curiosidade refira-se que a capa usada por esta compilação alemã de 1968, é igual à capa utilizada em França para a edição de Mulowa Afrika.



Columbia SPMX 5001 / LP / 1967 PORTUGAL
O Espectáculo É Ouro Negro



Columbia SMC 74 438 / 1968 ALEMANHA
Afrika



Columbia BE 062 40 129 / 1971 PORTUGAL
Africanissimo



EMI BE 046 40 351 / 1975 PORTUGAL
O Melhor do Duo Ouro Negro



EMI 2C 064 40 410 / 1976 FRANÇA
Duo Ouro Negro



EMI BE 068 40 487 / 1979 PORTUGAL
O Melhor do Duo Ouro Negro

PELO MUNDO

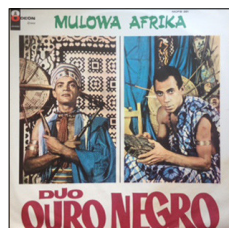
ÁFRICA DO SUL
Provavelmente para facilitar a distribuição em Angola e Moçambique, foram editados pela Columbia da África do Sul (na série SEGJ) cerca de 10 EPs durante a década de 60 em todo semelhante aos editados em Portugal.



Columbia SEGJ 31 / EP
La Mamma / África do Sul



Columbia ESRF 1564 / 1965 / EP
Muxima (1º EP com Sivuca) / França



Odeon Music MOFB381 / 1968 / LP
Mulowa Afrika / Brasil



UA International UNS 15556 / 1969 / LP
The Music of Africa Today / EUA



Columbia BE 016 40 225 / 1972 / EP
Kyrie / Angola



EMI EPOC 40055 / EP
Pata Pata / Israel



João

DINA

DINA

VIE

~~S~~
~~...~~